

Em busca de um lugar de memória de trabalhadores/as rurais. Constituição de um repositório digital em dois espaços-tempos

*Maria Aparecida de Moraes Silva**
*Tainá Reis***

1 ADVERTÊNCIA

As reflexões deste artigo se reportam a dois espaços-tempos. O primeiro diz respeito à realização das pesquisas ao logo destes últimos 40 anos. O segundo contempla o processo de construção do repositório digital. Assim sendo, a redação está dividida em duas partes. Vale ainda dizer que no segundo espaço-tempo, houve a participação de outra autoria e, desse modo, as duas escritas, respectivamente, serão feitas na primeira pessoa.

I

No Brasil, especificamente no estado de São Paulo, a partir da década de 1960, em virtude dos projetos de modernização agrícola, houve um processo continuado de emigração forçada para as cidades. As formas de produção caracterizadas pela parceria, arrendamento, colonato, posse e agricultura familiar e camponesa desagregaram-se diante da implantação das grandes usinas e complexos agroindustriais.

Desde início dos anos de 1980, venho desenvolvendo muitas pesquisas com trabalhadores/as rurais na região do estado de São Paulo, considerada a capital mundial do etanol, Ribeirão Preto. Inicialmente, os objetivos estavam voltados à análise da situação social de milhares de trabalhadores denominados boias-frias, que se concentravam nas periferias das cidades-dormitórios das regiões canavieiras. As periferias estavam habitadas não apenas por paulistas, como também por milhares de migrantes, provenientes da Bahia e norte de

* Professora Sênior do PPG/Sociologia/UFSCar. Coordenadora do Grupo TRAMA (Terra, Trabalho, Memória, Migração) do CNPq.

** Doutora em Sociologia pela UFSCar. Vice-coordenadora do Grupo TRAMA

Minas Gerais. Minhas preocupações teóricas eram inicialmente voltadas para as questões relacionadas às classes sociais. Aos poucos, foram emergindo aquelas relativas à raça/etnia e gênero. A migração, enquanto categoria analítica, foi interpretada transversalmente.

Em 1988, após ter entrevistado alguns trabalhadores num barracão de uma fazenda de café em Altinópolis/SP, optei por realizar uma pesquisa no Vale do Jequitinhonha/MG, considerado uma das regiões mais pobres do país, então. As razões dessa investigação estavam fundadas na necessidade de compreender os sentidos de “terra da gente, lugar da gente e terra que não é da gente e lugar que não é da gente”. Assim, paulatinamente, empiria e teoria foram se imiscuindo. A compreensão das relações de trabalho, da superexploração nos canaviais, cafezais e laranjais nos lugares de destino desses trabalhadores não poderia restringir-se à análise de dados objetivos acerca do processo de trabalho, mas também a partir das representações, dos sentidos, dos elementos simbólicos constituintes dessas relações. Enfim, busquei ler o invisível. Busquei nas vozes silenciadas dos subalternos, dos que vivem nas margens, suas histórias, experiências, dores, sofrimentos, lutas, conformismo e esperanças. A migração foi entendida como *migração permanentemente temporária*, produzida num processo que envolve os que ficam e os que partem.

A partir do ano de 2002, quando são fabricados os carros com motores *flex fuel*, com a utilização do etanol e/ou gasolina, incrementam-se as áreas ocupadas com cana de açúcar, os níveis de produtividade exigidos, passando de 08 toneladas de cana cortada por dia a 10. A partir de 2010, passam a ser exigidas 12 a 15 toneladas. Com isso, no período de 2003 a 2008, foram registradas 23 mortes de trabalhadores por exaustão durante a jornada laboral. Às pesquisas, somaram-se as participações mais diretas nos movimentos sociais dos trabalhadores, principalmente, por meio da colaboração com a Pastoral dos Migrantes, sediada em Guariba/SP, e também nos locais de origem dos migrantes. Em razão das denúncias feitas ao Ministério Público, à Procuradoria, sediada na cidade de São Paulo, ao Ministério da Justiça, houve algumas mudanças relacionadas à observância dos direitos trabalhistas. No entanto, as formas abusivas de exploração continuaram.

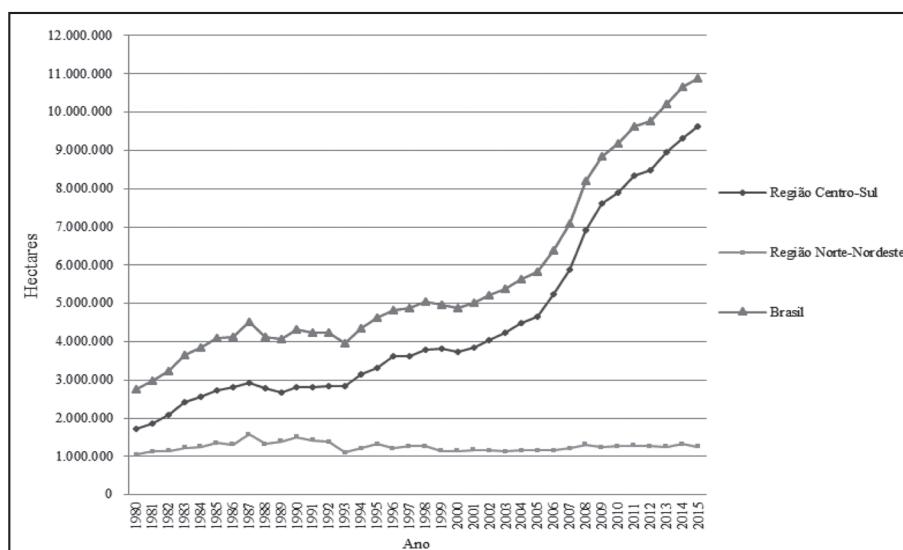
Vale dizer que a partir dos anos 2000, houve uma mudança na *cartografia migratória* para essa região. Além dos mineiros, baianos, alagoanos, cearenses, pernambucanos, milhares de outros vieram do Piauí e Maranhão. Assim sendo, em 2007, realizei mais uma pesquisa nos locais de origem desses migrantes. Em Francisco Nonato/PI e Timbiras, Coroa e Codó/MA¹.

Na medida em que os canaviais avançavam, novos contingentes de trabalhadores eram exigidos. A paisagem dos campos paulistas foi se tornando cada vez mais uniforme, dominada pelos canaviais. Atualmente, mais de seis milhões de hectares são ocupados por essa gramínea. O estado de São Paulo

é o maior produtor de cana, açúcar e etanol do país. Produz dois terços dessas *commodities*. A fim de aprofundar a análise dessa gigantesca produção, realizei uma pesquisa comparativa no estado de Alagoas², maior produtor de cana do nordeste. Os objetivos estavam ancorados na temática da reconfiguração do trabalho, tendo em vista o processo da mecanização do corte da cana em São Paulo estar mais avançado do que em Alagoas.

O Gráfico 1 mostra o crescimento vertiginoso das áreas canavieiras no país e nas principais regiões produtoras. O estado de São Paulo produz dois terços da cana do país, como foi dito acima.

Gráfico 1 – Evolução da área plantada (hectares) com cana de açúcar por regiões (1980-2015)

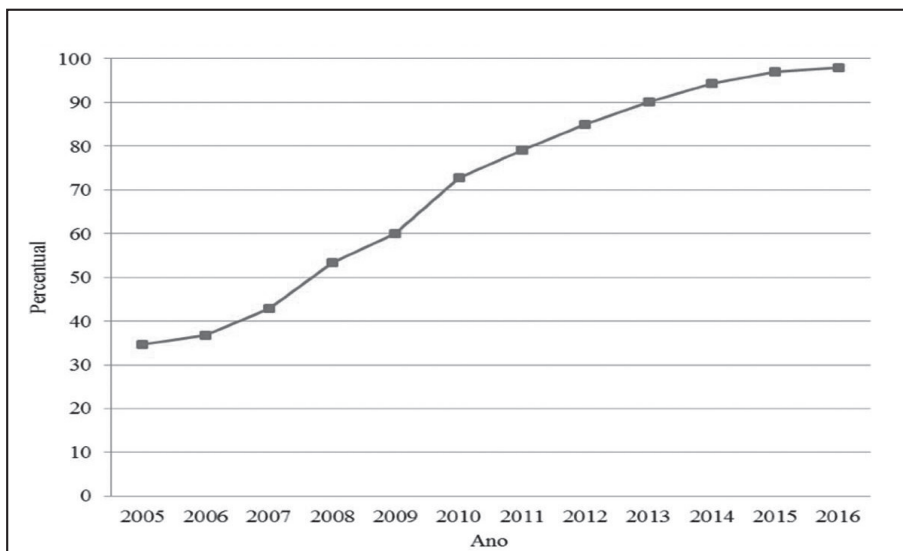


Fonte: Bunde (2017).

Em razão da degradação ambiental, provocada pelas queimadas de cana, dos processos trabalhistas, das repercussões negativas internacionais acerca das mortes de trabalhadores e da superexploração, o que trazia danos à *imagem sustentável do etanol como combustível verde*, a resposta das empresas foi a intensificação da mecanização do corte da cana e também das outras fases do processo produtivo, como plantio, preparo do solo, transporte etc. Essa medida gerou, sucessivamente, a dispensa de centenas de milhares de trabalhadores. Segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2007, havia no estado de S. Paulo, 178.510 canavieiros e em 2017, 56.503. Este montante não registra, entretanto, a informalidade existente nessa atividade. De todo modo, é um indicador importante para a análise da eliminação de milhares de empregos

formais. Segundo esses dados, mais de 120 mil empregos foram eliminados em apenas 10 anos. Os índices de mecanização chegam a quase 100% em várias regiões do estado. O Gráfico 2 revela o grau de mecanização na região centro sul do país no período de 2005 a 2016.

Gráfico 2 – Evolução do corte mecanizado na região centro sul (2005-2016)



Fonte: Bunde (2017). O percentual do ano de 2016 foi estimado.

A partir da comprovação desses dados, realizei duas pesquisas a fim de analisar o processo de reconfiguração do trabalho, buscando entender a realidade dos operadores de máquinas, tratoristas, caminhoneiros, distribuidores de vinhaça³, e também das mudanças ocorridas na divisão sexual do trabalho. Os achados dessas pesquisas mostraram que, embora o número de cortadores de cana tivesse diminuído muito, outras funções surgiram para atender à nova maneira de produzir. É evidente que não houve um equilíbrio em relação ao número de trabalhadores anteriormente empregados, pois uma máquina chega a substituir até 120 pessoas, embora empregue três operadores e três tratoristas durante uma jornada de 24 horas. Ademais há outras funções de apoio às máquinas, como mecânicos, além dos distribuidores da vinhaça e de agroquímicos. No que se refere às mulheres, elas foram destinadas às funções mais desqualificadas, tais como: distribuidoras de veneno, recolha de restos de cana e de pedras nos canaviais⁴.

A figura 1 se refere à *turma do veneno*. É necessário a distribuição de praguicidas antes do corte mecanizado. São empregadas mulheres, basicamente, nessa atividade.

Figura 1: Turma do veneno



Fonte: autora, 2014.

À medida que essas pesquisas foram sendo realizadas, observei que o processo de reconfiguração laboral traduzia um verdadeiro nomadismo entre várias plantações, como colheita da laranja, manga, goiaba, tomate, cebola. O mercado laboral nesse momento está se constituindo, cada vez mais, por turmas que circulam de uma plantação a outra e são contratadas por empreiteiros, também chamados *gatos ou turmeiros*.

Com intuito de aprofundar a compreensão desse processo, realizei em 2016-2017 uma investigação com os/as trabalhadores/as da laranja na região central do estado de São Paulo, também o maior produtor de suco de laranja do país. Os achados dessa pesquisa apontaram para o incremento dos níveis de superexploração. Grande parte destes contingentes é constituído por mulheres. Foram encontradas também trabalhadores/as nas granjas de ovos onde as condições de trabalho são insalubres e degradantes.

Em virtude do descarte de milhares de empregos no corte manual da cana, o trabalho rural do estado de São Paulo é cada vez menos desempenhado por migrantes provenientes de outras regiões do país. Ao longo de mais de seis décadas, desde o surgimento das grandes usinas, milhares de migrantes destinaram-se ao estado de São Paulo, na condição de trabalhadores temporários, safristas, que vivenciaram o fenômeno das *migrações permanentemente temporárias*. Assim, permaneciam durante oito ou nove meses nas áreas laborais e retornavam aos

seus locais de origem no final da safra. A mecanização do corte manual ceifou as contratações, sobretudo dos migrantes, homens em sua grande maioria. Assiste-se a uma verdadeira diáspora nesses últimos anos nos campos paulistas.

Do mesmo modo, a diáspora vem sendo acompanhada do aumento cada vez maior das *commodities* - açúcar, etanol, suco de laranja, café etc - produzidas para o mercado externo. O mundo visível é o das *commodities*. Nos subterrâneos desse mundo foram sepultadas as memórias, as experiências de milhares de homens e mulheres, negros, pardos, mestiços, pobres, cuja força de trabalho foi responsável pela produção dessa riqueza.

Com o intuito de escovar a história a contrapelo, a partir dos ensinamentos de W. Benjamin (1987) de retirar as camadas que silenciaram as vozes desses subalternos e ir na contramão de um verdadeiro memoricídio, foi surgindo, pouco a pouco, a ideia/propósito de produzir um repositório digital, um lugar que fosse capaz de abrigar a memória coletiva, capaz de ressurgir dos subterrâneos dessas plantações. Nos termos de Pollak (1989, 1992), uma memória subterrânea. Na contramão das ideias de Spivak (2014), segundo a qual, os subalternos não podem falar, o lugar de memória abrigará as vozes recolhidas no decorrer dessas pesquisas. Muitos narradores já morreram. Outros tantos fazem parte do processo diaspórico. A verdade é que eles foram silenciados e invisibilizados socialmente. Em sua quase totalidade não fazem mais parte do grande exército de trabalhadores rurais desse estado. Fazem parte de outras temporalidades, portanto, passadas. Seguramente, as gerações futuras nada ou quase nada saberiam sobre suas existências. As máquinas, advindas do gigantesco desenvolvimento tecnológico, apagariam seus rastros. É uma forma de ir na contramão da desmemória ou, até mesmo, do memoricídio (Beiguelman, 2019, p. 216)⁵.

Ademais, na condição de pesquisadora, orientada pelo compromisso social, e por fazer parte da *comunidade de destino* dessas pessoas -, por meio não somente das inúmeras pesquisas realizadas, como também, por meio da participação nos movimentos sociais, que visavam o reconhecimento de seus direitos ao longo dessas quatro décadas -, objetivo disponibilizar socialmente o acervo que está, até então, em minha posse. Acervo constituído por mais de mil e duzentas horas de entrevistas gravadas, como foi dito, centenas de fotos, material bruto de dezenas de horas filmadas para a produção de quatro vídeos, fotos, slides, negativos de fotos, além de documentos.

2 ALGUMAS IDEIAS NORTEADORAS PARA A CONSTITUIÇÃO DO REPOSITÓRIO

Nas palavras do filósofo francês, L. Althusser, o futuro dura muito tempo. Nesse sentido, acredito que, ao disponibilizar socialmente o acervo, estarei permitindo que, no futuro, a memória dos trabalhadores seja vivificada e dure

por muito tempo, além de meus escritos passados, presentes e futuros... É assim que compreendo o sentido da práxis com a feição do rizoma⁶, segundo Deleuze e Guattari. Cada vez mais, afirma-se na época contemporânea, a sociedade do esquecimento, marcada pelo domínio homogeneizador da informação midiática. Recuperar o passado individual e coletivo, por meio da memória como metodologia de análise, configura-se como um dos caminhos possíveis para a redescoberta dos processos de desenraizamento social e cultural, e, por conseguinte, para a redefinição dos projetos que articulam passado, presente e futuro.

As investigações, acima referenciadas, remetem à comprovação de que a cultura do mundo rural de antes sofreu profundas transformações em virtude da homogeneização imposta pela cultura de massa, sobretudo, aquela veiculada pela televisão. O que existe são os fragmentos daquela cultura na memória e nas lembranças de alguns. A cultura de antes, tratada enquanto *lugar*, está presente na memória individual e na conservação de algumas tradições. As tradições do mundo de antes, inseridas na sociabilidade ancorada nas relações familiares, de compadrio e de vizinhança transformam com a vinda para as cidades, emergindo novas formas de sociabilidade e arranjos familiares. Este fato está relacionado ao modo pelo qual se verificou a expulsão destes trabalhadores do campo. Em outros trabalhos (Silva, 1999, 2001), analisei as consequências imediatas provocadas pelo Estatuto do Trabalhador Rural (ETR), promulgado em 1963, no país como um todo. No que tange à região de Ribeirão Preto, espaço empírico sobre o qual fundam-se as presentes reflexões, houve a vinda de milhares de migrantes rurais, provenientes não apenas do próprio estado de São Paulo, como de várias outras áreas do país, como já foi mencionado. Nesse sentido, as periferias das cidades médias e das cidades-dormitórios foram constituídas pelo agrupamento de milhares de pessoas, de várias procedências, e, conseqüentemente, portadoras de múltiplas culturas e modos de vida diferenciados (Melo, Silva, 2011).

Espaços reduzidos, sociabilidade, marcada, muitas vezes, por conflitos, violência, preconceitos, e, sobretudo, por sinais de estranhamento mútuo. A sociabilidade ancorada nas relações primárias, caracterizadas pelo reconhecimento interpessoal e auto reconhecimento cedem lugar à sociabilidade individualizada e estranhada. Com o passar dos anos, a vida social foi sendo reconstruída nestes novos espaços. No entanto, as tradições, a cultura do mundo de antes, não couberam nos limites destes espaços. Foi necessária a construção dos *lugares* para protegê-las, para impedir sua morte.

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular de nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o

esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (NORA, 1993, p. 7).

Segundo Nora (1993), ainda:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos... Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993, p. 12-13).

A definição de lugares de memória se refere a três sentidos: material, simbólico e funcional, de acordo com o historiador. No entanto, segundo ele, “só há lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica” (p. 21).

Os três aspectos coexistem sempre... É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA, 1993, p. 22).

A aura simbólica seria o elemento que nutre, que fecunda os lugares de memória, caso contrário, seriam cristalizados, fixados em algum espaço. Portanto, a aura simbólica vivifica os lugares de memória, impedindo a morte das lembranças. Na condição de temporários, a grande maioria dos trabalhadores regressava aos seus locais de origem no final da safra. Nos locais de destino eram alojados em barracões (até os anos de 1980) e depois em alojamentos nas áreas de cana. Geralmente, havia a divisão de moradias, segundo os locais de origem, evitando-se, assim, a reunião entre eles, com o fim de promover o esfacelamento e a fragmentação política. Assim, as lembranças eram cada vez mais centradas no trabalho. A sociabilidade com as pessoas das cidades era casual e, muitas vezes, controlada por agentes policiais. Eram vítimas de preconceito étnico e social. Operava-se, em geral, o desenraizamento social. O visitante que se dispuser a viajar pelo interior do estado de São Paulo, encontrará poucos sinais da cultura nordestina ou mineira, exceto em algumas periferias das chamadas cidades-dormitórios das áreas canavieiras. Tais sinais foram conservados e constituídos pelos trabalhadores que permaneceram definitivamente nelas e não pelos temporários.

A *construção* de um lugar desta memória preenche, portanto, o vazio, as brechas deixadas por esse sistema de dominação, segundo o qual, não somente os excedentes do trabalho eram apropriados, como também a própria memória.

Segundo Santo Agostinho

[No palácio da memória] ... estão presentes o céu, a terra e o mar com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que já esqueci. É lá que reencontro a mim mesmo, e recorro as ações que fiz, o seu tempo, o lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recorro, aprendidos ou pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem (SANTO AGOSTINHO, 1980, p. 176-177).

Nesse excerto, o filósofo/teólogo assevera que é no palácio da memória que estão guardados, armazenados não somente os sentimentos, as experiências individuais, como também de outras pessoas. É também aí o lugar de encontro com o *self*, com as práticas do passado, as lembranças, enfim (Silva, 2011). Num outro belíssimo ensaio, O Narrador, Walter Benjamin, com base na obra de Nikolai Leskov, delineia um conjunto de situações, extremamente valioso para as presentes reflexões. No início do texto, ele afirma que o narrador está desaparecendo nas sociedades de hoje.

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente (...). Uma das causas deste fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo (BENJAMIN, 1987, p.197, 198).

Afinal, quem é o narrador de quem Benjamin fala? Para o filósofo há dois tipos de narradores: aqueles que permanecem sempre no mesmo local de origem e aqueles que viajam. “Quem viaja tem muito a dizer (...)” (BENJAMIN, 1987, p.198). Neste último caso, o narrador é imaginado como alguém que vem de longe. No primeiro grupo estão aqueles que não viajam e que conhecem profundamente suas tradições. Fazem parte desse grupo, os camponeses e artesãos; os marinheiros formam o outro contingente. Outra questão seria em relação às causas do fim do narrador. Segundo o autor, a narrativa sempre tem um propósito utilitário.

Essa utilidade pode consistir, seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou uma norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que pode dar conselhos. Mas se dar conselhos parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências

estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos a nós mesmos nem aos outros (BENJAMIN, 1987, p. 200).

Na sequência destas inflexões, Benjamin mostra que a informação transmitida pelos meios de comunicação e o novo seriam principalmente responsáveis pelos elementos de demolição da narrativa e do narrador. Essa afirmação pressupõe que a narrativa é produzida em um contexto de pessoas se comunicando uns com os outros. O narrador precisa de ouvintes, consequentemente seguidores.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-los de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ele se perde quando ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo de trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ser tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (...). Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1987, p. 205).

No final do texto, o autor, depois de analisar algumas histórias da obra de Leskov, introduz um outro fato importante. Por pertencer a um mundo governado pelos valores de uso, portanto, onde o tempo não é determinado pelos produtos, pelo valor de mercado, a narrativa é produzida no centro das relações sociais, cuja sociabilidade é determinada pelas práticas do trabalho artesanal. Ou seja, práticas definidas pela não separação entre produtor e produto do trabalho. É neste sentido que o autor demonstra que a narrativa não é apenas um produto de voz. Ela também se refere às mãos, aos olhos e também à alma.

A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática (...). Na verdadeira narração, intervém decisivamente com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho (...). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira (BENJAMIN, 1987, p. 220-221).

Essas reflexões conduzem ao conceito benjaminiano de experiência. No início do pequeno texto “Experiência e pobreza”, há um provérbio de Esopo, em que um homem moribundo diz a seus filhos que ele está deixando-lhes um grande tesouro escondido na vinha, e que eles vão descobri-lo cavando a terra sem descanso. Com o passar do tempo, os filhos descobrem que suas vinhas foram

as melhores da região e que o tesouro era, na verdade, o trabalho, transmitido como experiência pelo pai. A experiência, portanto, o é algo compartilhado. Leandro Konder (1994)⁷ afirma que;

Erfahrung é o conhecimento obtido através de uma experiência que se prolonga, que se desdobra, como uma viagem; o sujeito integrado numa comunidade dispõe de critérios que lhe permitem ir sedimentando as coisas com o tempo. Erlebnis é a vivência do indivíduo privado, isolado, é a impressão forte que precisa de ser assimilada às pressas, que produz efeitos imediatos (KONDER, 1994, p.146).

Essas seriam, em tese, as principais ideias norteadoras da construção do repositório digital⁸. Memória, narrativas, experiência formam o fio condutor para a construção do lugar de memória dos trabalhadores rurais que labutaram nos cafezais, laranjais, e, sobretudo, nos canaviais paulistas. Ainda acrescentaria: “Os documentos orais pertencem à ordem do múltiplo. Disponibilizá-los em um museu virtual significa estender o múltiplo em sua reprodução ilimitada” (Bauer, 2010, p. 61). As afirmativas reforçam a produção de um acervo com o perfil do rizoma, tal como foi proposto acima. Outro propósito é estender o múltiplo em sua reprodução ilimitada⁹. Visa-se, assim: divulgar o conteúdo do repositório, como um lugar de memória dos trabalhadores rurais; incentivar outros pesquisadores a vivificarem o acervo por meio da participação e constituição de redes; democratizar as informações sobre o trabalho nos canaviais, cafezais e laranjais do estado de São Paulo; criar as condições para a produção de uma práxis, cujo objetivo maior é o enfrentamento das desigualdades e injustiças sociais. O museu como um dispositivo de pesquisa (repositório); promover a democratização do conhecimento científico. Os repositórios virtuais são uma tendência da museologia contemporânea. As exposições e programas (produtos) agem como processos educacionais. Um museu absorvido por atividades de parceiros tem um papel de articular redes de pesquisadores por meio de uma plataforma *online*, em domínio público.

II

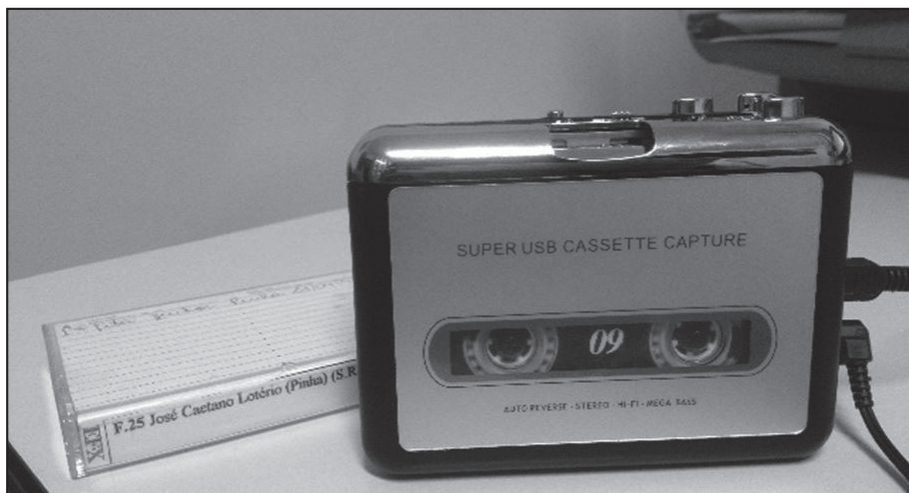
O trabalho com o acervo de pesquisas de quase quarenta anos foi desafiador e instigante desde o início. Deparei-me com mais de setecentas fitas cassete, com fotografias - algumas em slides -, e documentos dos mais diversos. A maior parte do trabalho esteve focada na digitalização dos áudios das fitas cassetes, gravações realizadas em pesquisas que ocorreram entre 1984 e 2008¹⁰. Nas 740 fitas, que totalizavam em torno de 800 horas, havia relatos orais dos mais diversos – trabalhadores/as rurais, seus filhos e companheiras, crianças, idosos, sitiantes, sindicalistas, assentados, médicos, enfermeiras, professoras,

advogados, entre outros. Além de entrevistas, histórias de vida e relatos, havia também áudios de oficinas realizadas com os sujeitos pesquisados e eventos da área de estudos rurais.

O material do acervo (fitas cassete, fotografias, recortes de jornal, tabelas, entre outros) foi separado segundo as pesquisas realizadas, cronologicamente, bem como a explicação dos respectivos projetos. O trabalho com as fitas cassete se dividiu em três etapas: 1) organização e categorização do material; 2) conversão dos áudios das fitas em arquivo digital (extensão MP3) e; 3) edição dos áudios. As duas primeiras etapas foram realizadas entre setembro de 2019 e julho de 2020.

Após a organização das fitas, iniciei a etapa da digitalização. Para tanto, utilizei o conversor e leitor de fita cassete para MP3 EZCAP. Trata-se de um aparelho similar a um *walkman* (tape portátil), acompanhado de cabo USB. Junto com o aparelho vem o CD de instalação do programa conversor, chamado Audacity. Esse equipamento, em conjunto com o software livre de edição digital Audacity, foi utilizado para a digitalização de todas as 740 fitas cassete.

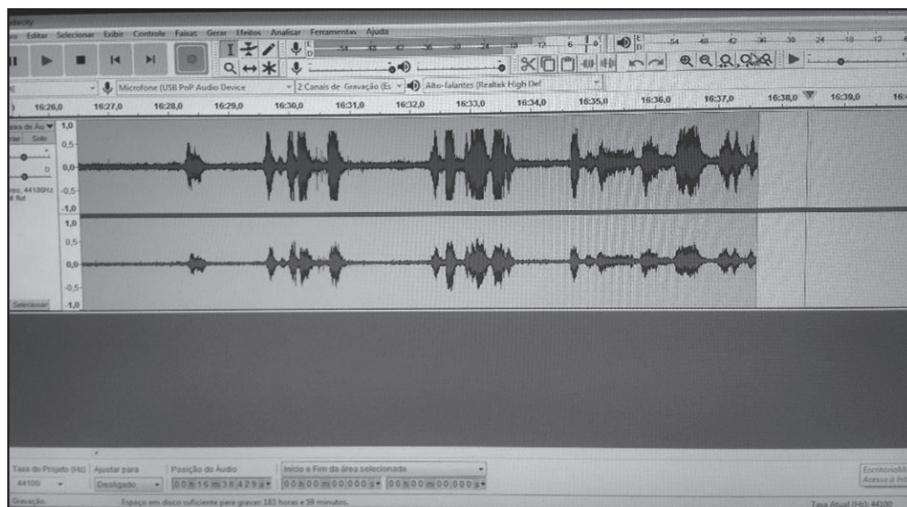
Figura 2: Aparelho leitor e conversor de fita cassete Ezcap



Fonte: Tainá Reis, 2019.

A digitalização com o referido equipamento ocorre da seguinte forma: a) o tape portátil Ezcap é conectado ao computador por meio de cabo USB; b) a fita cassete é inserida dentro do tape; c) o programa Audacity é aberto, e seleciona-se o dispositivo de gravação do tape portátil Ezcap; d) aciona-se o comando *rec* no programa Audacity e o botão play no tape portátil. O aparelho Ezcap automaticamente executa os dois lados da fita¹¹. Ao final do áudio, seleciona-se na aba Arquivo a opção Exportar para MP3. Assim, o áudio é convertido.

Figura 3: Programa Audacity em funcionamento



Fonte: Tainá Reis, 2019.

As fitas encontravam-se em bom estado de conservação. Assim, mesmo em entrevistas realizadas há mais de trinta anos, os áudios não estavam danificados a ponto de serem inutilizados. Contudo, edições iniciais foram necessárias. Há um intervalo de tempo para que, após acionada a tecla *play* do tape portátil, o som da entrevista realmente inicie, o que significa alguns segundos de silêncio na gravação. A transição automática entre o lado A e o lado B da fita cassete também representa certa duração de silêncio na gravação. Esses momentos de silêncio foram retirados na edição inicial para que, uma vez os arquivos de áudio indexados na base de dados, a audição do material seja objetiva.

A audição das entrevistas era necessária para a identificação dos momentos de interferência no áudio. Dentre os áudios que requerem edição – um pouco mais de um terço do total de fitas cassetes –, os principais problemas são tanto de ordem de captação do som quanto de defeitos da própria fita cassete. São, então, dois tipos de edição diferentes: um relacionado às condições de captação do áudio (vozes ao fundo, voz do entrevistado muito baixa e barulhos no ambiente de gravação), e outro, à correção de defeitos na própria fita cassete (alterações na velocidade de execução do áudio - áudio acelerado ou reduzido, alterações no volume do áudio e ruídos próprios da fita cassete).

Algumas entrevistas eram realizadas na casa dos entrevistados, mas tratando-se de pesquisas em áreas rurais, muitas vezes podem-se ouvir ao fundo galinhas cacarejando ou outros sons próprios “da roça”. Quando as casas eram em áreas urbanas, ou as entrevistas eram realizadas em lugares abertos, havia também a interferência de outros barulhos, como automóveis, buzinas, vozes e/

ou vento. É interessante destacar que as entrevistas com mulheres em suas casas sempre eram atravessadas por inúmeras demandas dos filhos (choros, gritos), ou até mesmo pela curiosidade das crianças em relação ao gravador. Nesses casos, me questionava se na edição deveria cortar aqueles trechos ou não.

A presença das crianças compunha o cenário em que os relatos eram colhidos, assim como o som dos pássaros, os cachorros latindo, o carro de som passando, a vizinha chamando. Se na pesquisa social é preciso atentar para todo o contexto no qual o sujeito pesquisado está inserido, na elaboração de um repositório digital com áudios que serão ouvidos por inúmeras pessoas, não necessariamente acadêmicas da área de Sociologia, a manutenção dessas interferências no áudio seria produtiva? Tenho optado¹², sempre que possível, por aplicar efeitos de edição que não cortam trechos da entrevista, mas apenas reduzam o volume dos barulhos de fundo que interferem na fala do entrevistado.

A edição do material é realizada no programa Audacity. O software dispõe de inúmeras ferramentas de edição, para alteração de velocidade, de tom, de volume, de redução de ruídos, normalização, equalização do áudio, entre muitas outras. A edição consiste em abrir o arquivo já digitalizado no Audacity, selecionar os trechos que apresentam falhas ou interferências e aplicar os efeitos de edição necessários. Essa etapa exige bastante minúcia, pois a edição do áudio pode requerer o uso de diferentes ferramentas em diferentes trechos, e é preciso aplicar o efeito de edição, avaliar a qualidade do efeito aplicado e mudar o efeito caso necessário. Essa edição final é fundamental para a conclusão do acervo digital, pois as vozes, entonações e pausas na fala dos entrevistados poderão ser ouvidas com clareza.

A coleta dos relatos orais desde a década de 1980 tem se orientado pelos princípios metodológicos da História Oral, focando nos sujeitos - em suas interações e trajetórias -, que têm sido historicamente silenciados. O trabalho com a digitalização e edição dos áudios mantém a perspectiva de valorização da experiência dos sujeitos. Justamente por isso as correções nos áudios não buscam torná-los perfeitos, sem nenhum ruído, pois os sujeitos não estão isolados, mas são parte de relações e interações sociais que podem ser percebidas nas interferências das entrevistas (crianças, animais, vizinhos, companheiros etc.). O foco recai sobre as lembranças e as narrativas, já que a intenção com a elaboração do repositório digital é guardar e revivificar a memória de trabalhadores e trabalhadoras rurais. Tenho precisado fazer esse balanço cotidiano entre garantir um áudio de qualidade para pessoas diversas ouvirem e captarem o conteúdo dos relatos, e preservar o máximo possível do mundo social circundante.

A realização do trabalho de escuta desses relatos e da edição desses áudios para a futura disponibilização me colocou diante de algo inteiramente novo. Não tinha nenhuma experiência com a digitalização e edição de áudios. Pude superar as dificuldades técnicas por meio de um aprendizado autodidata, com leituras de tutoriais, por exemplo. Mas trata-se não de um trabalho exclusivamente técnico¹³. Com efeito, o grande desafio era minha experiência enquanto pesquisadora;

primeiro, aprender a trabalhar com uma tecnologia que não estava habituada; segundo, ouvir entrevistas com conteúdos relacionados à minha área de pesquisa em um espaço-tempo completamente distinto. Separo aqui esses dois desafios, mas na experiência havia apenas a sensação de estar perdida.

Foi o sentimento de estar perdida que permitiu que eu me encontrasse, como numa espécie de epistemologia benjaminiana que une o racional e o sensível. Benjamin (1995) diz que “saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade como alguém se perde numa floresta, requer instrução” (p. 73). Foi no redescobrimto do que parecia conhecido que fui atravessada pelos relatos.

Os temas abordados nessas entrevistas variavam de acordo com as pesquisas. Então se um conjunto de entrevistas abordava os direitos reprodutivos das trabalhadoras rurais¹⁴, em outro as mulheres falavam sobre a migração dos maridos para o corte de cana em São Paulo. Sindicalistas contaram sobre a luta, as estratégias de resistência, mas também as injustiças. Trabalhadores que narravam a rotina de trabalho com um tom de voz mais baixo, que subia quando falavam da terra natal, do fim da safra e do reencontro com a família. Por muitas vezes, foi preciso parar de ouvir os relatos, precisava respirar, precisava chorar. Sentia alívio em ouvir a voz dos sitiantes, falando sobre a relação com a terra, e esperança em ouvir assentados contando a trajetória de expropriação que findou na conquista do acesso à terra.

Ouvi as mulheres, trabalhadores rurais, relatando suas trajetórias e cotidianos, histórias de abusos, exploração, abandono. Mas, ao mesmo tempo, histórias de lutas, superações, resistência. Em um relato, logo no começo da entrevista, uma cortadora de cana diz: “Eu não tive uma vida, tive uma tragédia”. A mesma depoente, ao final, afirma: “Só o que a gente pode fazer é seguir em frente”. Esse relato me revelou a complexidade da experiência social. Serviu também como inspiração para minha própria trajetória. Não há dicotomia na vida.

Tendo feito minha pesquisa de doutorado com trabalhadores rurais adoecidos, pesquisa realizada há mais de trinta anos após parte das entrevistas que ouvi, senti desesperança, porque depois de tanto tempo, tantas lutas e tantas mudanças na organização do trabalho rural, muitos eventos continuam tão parecidos. Mas, ao mesmo tempo, pude acessar minhas próprias memórias ao ouvir vozes com sotaques da mesma região em que realizei minha pesquisa de campo. Pude ouvir a entrevista de um sindicalista mineiro do Vale do Jequitinhonha cujo nome atualmente intitula um centro de agricultura alternativa. Que alegria senti por poder estar com esse sujeito tão importante nas lutas pela terra na região, apesar de não ter estado de fato, já que o mesmo faleceu quando eu tinha apenas cinco anos de idade.

As reflexões sobre a relação sujeito pesquisador e sujeito pesquisado são frequentes desde as primeiras pesquisas que realizei. Especialmente na pesquisa de doutorado pude sentir a diferença entre a realidade e o livro, entre o vivido

na carne (olhares, vozes, gestos, cheiros) e o conhecido intelectualmente (Matta, 1974). E assim me conectei com o aspecto mais humano do ofício sociológico. Mas no caso das entrevistas do acervo no qual tenho trabalhado, é outro tempo e espaço. Nunca estive no Maranhão com as mulheres quebradeiras de coco babaçu, por exemplo. Muitas falas me emocionaram. Outras me levaram ao choro. Muitas vozes eram de pessoas já falecidas. Somente havia conhecido o nome do sindicalista mineiro na placa indicativa da Associação de camponeses, quando lá realizei minha pesquisa. De todo modo, nunca “estive lá”, no sentido atribuído por Geertz (1998).

Porém, ao ouvir as vozes desses trabalhadores e trabalhadoras rurais, trinta, vinte, quinze anos depois, fui atravessada, afetada pelos relatos que ouvia. Ser afetado não se constituiu como algo puramente emocional, não se trata de empatia, mas nem observação participante (Favret-Saad, 2005), o que no caso da pesquisa do repositório digital não seria nem possível. Como no estudo sobre feitiçarias no Bocage francês de Favret-Saad (2005), fui afetada, não buscando compreender ou reter, mas simplesmente ser atravessada pelo o que ouvia. Pude perceber, novamente, que as emoções fecundam a razão, como diria a professora Heleieth Saffioti. A dialética temporal estabelecida entre essas entrevistas e pesquisas, que compõem o acervo e minha própria subjetividade enquanto pesquisadora, entre diferentes espaço-tempos, a alteridade dos sujeitos pesquisador e pesquisado, a relação extemporânea que se estabelece, são alguns dos resultados dos trabalhos de digitalização de 800 horas de entrevistas.

Uma relação é criada com pessoas que talvez nem estejam mais vivas, não conheço seus rostos – salvo aqueles que foram registradas em fotografias –, mas conheço suas vozes, tempos de fala, entonações. Conheço suas trajetórias, sentimentos, almas. E quando é preciso editar um áudio, preciso ouvir pequenos trechos repetidamente, conforme aplico os efeitos de correção. A frequência das vozes que aparecem na interface do programa Audacity me lembra a frequência de batimentos cardíacos que se pode ver num eletrocardiograma. A vida está ali, naquela voz. Disponibilizar essas vozes ao público é revivificar essas trajetórias, é mantê-las vivas, a despeito das inúmeras tentativas de apagamento que existem por parte do agronegócio.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste artigo foi o relato da constituição do repositório digital sobre pesquisas realizadas ao longo de quarenta anos com trabalhadores/as rurais. As motivações traduzem as marcas acadêmicas e de uma práxis política orientada por estratégias que visam a construção de caminhos, capazes de impedir a desmemória ou, até mesmo, o memoricídio. Nas palavras de W. Benjamin, o passado nos dirige um apelo. Apelo para a conservação da memória e, sobretudo,

para a retirada das camadas encobridoras de centenas de milhares de vozes. Vozes que desarranjam a ordem social dominante. Memórias subterrâneas que reclamam outras interpretações sobre a produção das *commodities* no estado de São Paulo.

A escrita do artigo feita a quatro mãos, muitas vezes, sob a forma de narrativa, foi a opção encontrada para ser fiel às falas e para expressar os sentimentos que afetaram e atravessaram as pesquisadoras no momento da revisitação do acervo. Não se tratou meramente da transposição de uma técnica para outra, porém, de uma tentativa/desafio de reconstrução, que, ao fim e ao cabo, implicou em investimentos intelectuais, em como fazer, em como proceder, por onde começar, além dos investimentos emocionais. Foi um processo de (re) tradução simbólica e subjetiva, por meio da interação imanente e transcendente entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisados. O repositório digital será uma fonte de pesquisas futuras sobre os trabalhadores rurais. Um lugar de memória, *last but not least*.

NOTAS

¹ Em colaboração com Marilda Aparecida de Menezes, foi realizada uma pesquisa exploratória na zona da mata paraibana com migrantes sertanejos que se deslocavam para essas áreas de cana, em 1999.

² Esta pesquisa contou com a participação de Lúcio Vasconcellos de Verçoza.

³ A vinhaça (ou vinhoto) é um subproduto, resultante da fermentação do caldo de cana para produzir o etanol. Por conter matérias orgânicas em decomposição, o odor exalado é extremamente prejudicial à saúde dos trabalhadores que o distribuem nos canaviais, pois é utilizado como fertilização.

⁴ Antes da colheita pela máquina, há a necessidade de retirar as pedras da área, a fim de evitar que as lâminas sejam danificadas. Trata-se de uma tarefa penosa, pois as mulheres trabalham no meio das canas, sob altas temperaturas. Ademais há o risco de picadas de cobras, escorpiões etc. Segundo seus depoimentos, trata-se de uma tarefa que lhes traz, além do desgaste físico, sentimento de vergonha por ser extremamente desvalorizada.

⁵ Memoricideio é o neologismo criado em 1991 pelo croata, Mirko Grmek, que significa a tentativa de apagamento da história e cultura de um povo em um determinado território.

⁶ “Em contraponto aos sistemas centrados, que privilegiam o centro, são apresentados os a-centrados, em que o privilégio é dos meios, dos intervalos, das ervas daninhas entre as plantações são cartesianamente organizadas. O rizoma é classificado como a-centrado, uma rede de autômatos finitos. A condição deste tipo de sistema é a de complexidade, em que não há um decalque, uma cópia de uma ordem central, mas sim múltiplas conexões que são estabelecidas a todo o momento, num fluxo constante de desterritorialização e reterritorialização. O problema proposto pelo rizoma é análogo ao da máquina de guerra, a Firing Squad: é necessário realmente um general para que os *n* indivíduos disparem

simultaneamente? O rizoma, como um sistema a-centrado, seria, portanto, a expressão máxima da multiplicidade em detrimento às outras duas condições apresentadas de raiz e radícula, que não expressam nada mais do que a proposta de um todo disciplinador, um totalitarismo estrutural”. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Rizoma>> . *_(filosofia)*.

⁷ Konder, L. Na nota 12 do ensaio “Sobre alguns temas em Baudelaire”. In. BENJAMIN, W. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.

⁸ Sobre os desafios para a organização de acervos orais, consultar, dentre outros: Luiz, Teixeira (2013); Alberti (1998); Borges (2012); Amado, Moraes (1998).

⁹ No início do mês de agosto de 2018, participei, juntamente com o professor José Sergio Leite Lopes, de uma mesa no Evento, Escola de Inverno (2), organizada pelas professoras Cibele S. Risek, Isabel P. H. Georges, na UFSCar. O debate foi muito profícuo porque havia duas realidades historicamente distintas: a memória dos operários da fábrica Paulista, de tecidos em Pernambuco, inseridos em contextos manufatureiros, no início do século XX, discutida por José Sergio, e a captura da memória dos trabalhadores rurais, descartados pelo avanço da modernização e inseridos em relações flexíveis de trabalho, apresentada por mim, no momento atual. Enquanto a permanência dos operários da fábrica Paulista no mesmo local foi fundamental para a preservação da memória, o vaivém permanente dos trabalhadores rurais impediu que se estruturassem as bases da memória laboral nos campos do estado de São Paulo. Ao contrário, a espoliação da memória foi o campo fértil para o esquecimento e o apagamento de suas histórias.

¹⁰ O acervo é composto por outras entrevistas, realizadas já com gravador digital depois de 2008, aproximadamente, 300 horas. São áudios já em versão digital, por isso não precisaram passar pela primeira etapa do trabalho – a digitalização das fitas cassete -, mas precisarão passar pela edição posterior.

¹¹ Apesar de ter vivido em um período histórico em que se ouviam muitas fitas cassete – eu mesma possuía algumas -, tive uma dificuldade em um aspecto simples dessa etapa: o lado certo de inserir a fita dentro do tape. Em qualquer um dos lados que a fita fosse inserida, o aparelho começaria a “rodar” a fita, mas dependendo do lado colocado, o áudio poderia iniciar pelo lado B. Foi preciso cometer esse erro, e na audição do áudio perceber que tratava-se do lado B da fita cassete, para aprender o lado correto de inserção da fita no tape.

¹² A etapa da edição dos áudios foi iniciada no mês de julho de 2020.

¹³ Um exemplo foi a árdua edição de uma entrevista que se referia às greves dos cortadores de cana. Tratava-se de um trecho muito curto, de poucos segundos, mas era o exato momento em que o trabalhador dizia “As sete ruas”. A mudança na organização do corte de cana de cinco para sete ruas foi um dos motivos para a organização das primeiras greves dos cortadores de cana, momento histórico na luta dos trabalhadores do campo. Se eu não soubesse disso, poderia facilmente ter cortado aquele trecho na edição, pois significava pouco tempo no todo da entrevista e estava com uma interferência no áudio muito grande. Foi por ser pesquisadora do trabalho rural que soube a importância daquele minúsculo trecho da entrevista e insisti em editá-lo até que fosse audível.

¹⁴ Nos anos 1980, usinas do estado de São Paulo exigiam que as trabalhadoras apresentassem comprovante de laqueadura tubária para serem contratadas.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **O acervo de história oral do CPDOC**: trajetórias de sua constituição. Rio de Janeiro: CPDOC, 1998.
- AMADO, J; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- BEIGUELMAN, G. **Memória da Amnésia**. Da cidade interativa às memórias corrompidas. São Paulo: Editora Sesc, 2016.
- BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras escolhidas**. 3ª. Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 197-221.
- _____. Experiência e pobreza. In: _____. **Obras escolhidas**. 3ª. Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p.114-119.
- _____. Rua de Mão Única. In: _____ **Obras escolhidas**. Volume III. 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BAUER, L. Acervos orais, acervos virtuais, pessoas e histórias de vida. **História oral**, v. 13, n. 2, pg. 53-64, 2010.
- BORGES, V. T. As falas gravadas pelos outros: fontes orais, arquivos orais e arquivos sonoros, inquietações da história do tempo presente. **Diálogos**. Maringá, v. 16, n. 2. P.663-676, maio/ago. 2012.
- FAVRET-SAAD, J. O ser afetado. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005.
- GEERTZ, C. O dilema do antropólogo entre “estar lá” e “estar aqui”. **Cadernos De Campo**, São Paulo, v. 7, n. 7, p. 205-235, 1998.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LUIZ, J. R.; TEIXEIRA, M. A. S. Alguns desafios na organização de acervos orais: O caso do Núcleo de Pesquisa, Documentação e Referência sobre Movimentos Sociais e políticas Públicas no Campo (CPDA/UFRRJ). **Revista História Oral**, v. 16, n.2, 2013
- MATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, E. O. (Org). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MELO, B. M.; SILVA, M. A. M. Trajectorias migratórias: trabajadores rurales entre el nordeste y los cañaverales de San Pablo/Brasil. IN: BENENCIA, R.; LIMA, F. H.; LEVINE, E. (Orgs.). **Ser migrante latino-americano, ser vulnerable y trabajar precariamente**. México: ALAST, Casa abierta al tempo, 2011, p. 77-108.
- NORA, P. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, v. 10, 1993.
- POLLAK, M. Memória, silêncio e esquecimento. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões. Coleção*. Os pensadores. São Paulo: Abril cultural, 1980.

SILVA, M. A. M. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Edunesp, 1999.

_____. Reestruturação produtiva e os impactos sobre os migrantes. In: GIARRACA, Norma (Org.). *Una nueva ruralidade em America Latina*. Buenos Aires; CLACSO, 2001, p. 289-306.

_____. Expropiación de la tierra, violència y migración. Campesinos del nordeste de Brasil em los cañaverales de San Pablo. In: FLORES, Sara Maria (Org.). *Migraciones de trabajo y movilidad territorial*. Mexico: Angel Porrúa/Conacyt, 2011, p. 307-332.

SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

RESUMO

O estado de São Paulo é um dos maiores produtores de *commodities* (açúcar, etanol, suco de laranja, café etc) do país. Há duas décadas, o modelo de produção agrícola implantado é caracterizado por um processo que possui duas faces: a) o desenvolvimento acelerado da modernização, por meio do emprego maciço de tecnologias avançadas, cujo resultado tem sido a dispensa de centenas de milhares de trabalhadores/as; b) o apagamento da memória laboral. Diante deste contexto, objetiva-se neste artigo tecer algumas reflexões acerca da produção de um repositório digital, contendo a memória de trabalhadores/as rurais. Este repositório é constituído pelo acervo de mais de mil horas de entrevistas com migrantes, homens e mulheres do Vale do Jequitinhonha, Paraíba, Maranhão, Piauí, além de vários municípios do estado de São Paulo, e também com sitiantes e assentados rurais. As entrevistas ocorreram no espaço das últimas quatro décadas.

Palavras-chave: repositório digital; trabalhadores rurais; memória; agronegócio; gênero; etnia.

ABSTRACT

The state of São Paulo is one of the largest commodities producer (sugar, ethanol, orange juice, coffee, etc.) of the country. For two decades, the agricultural production model implemented has been characterized by a process that has two sides: a) the accelerated development of modernization, through the massive use of advanced technologies, the result of which has been the dismissal of hundreds of thousands of workers; b) the erasure of working memory. Given this context, the objective of this article is to make some reflections about the production of a digital repository, containing the memory of rural workers. This repository consists in a collection of more than a thousand hours of interviews with migrants, men and women from Vale do Jequitinhonha, Paraíba, Maranhão, Piauí, in addition to several municipalities in the state of São Paulo, and also with rural settlers and settlers. The interviews took place over in the last four decades.

Key words: digital repository; rural workers; memory; agribusiness; gender; ethnic.